MIRADA
ARTES & HUMANIDADES

perspectiva

AMANDA
VITAL

perspectiva

vimos o romeno ainda antes da quarentena: trazia
os dedos amarelados e mal conseguia falar direito
tímido catava beatas nos cinzeiros das esplanadas
da aldeia - nossas e dos outros fumantes - tão sujo
meu deus há quanto tempo não tomava um banho
há quanto tempo não andava com a dignidade nas
pernas entre copos de macieira e de vinho já pagos
nos estabelecimentos só para apontarem e se rirem
olha o louco olha o bêbado tropeçando na calçada
hoje vimos o romeno entrar no café enfim reaberto
o romeno reaberto os cabelos pintados a cara limpa
as roupas lavadas comprou seu maço de cigarro da
máquina e nos deu boa tarde até chegou a sorrir no
final do cigarro - do passado só sobraram os dentes

felidae

minha mãe me carregava no colo como a um gato
com isso algumas coisas lhe escapavam da boca
dizia que precisava me levar ao veterinário um dia
perguntou se o filho da colega miava muito à noite
então cresci ronronei cavei buracos para enterrar a
merda fugia de casa só depois que fui sossegando
sentadinha nos muros miando baixo a todo mundo
hoje em dia me pego lambendo as crias das outras
hoje me pego com o ímpeto de brigar com os cães
aprendi olhando a minha mãe com os pelos em pé
tantas vezes para nos proteger: foi por ouvi-la dizer
uma bela unhada nos inimigos às vezes calha bem
hoje eu me pego afiando as unhas antes de sair de
casa corto caminho no muro e hoje quando eu caio
não firo mais as patas caio com elegância e ternura
e as minhas sete vidas não trazem um arranhadinho

from scratch

o frango com quiabo da Neide era coisa de louco
era de se comer ajoelhado não sei bem o que ela
fazia naquela panela mas os quiabos ficavam tão
macios sem baba o frango corado e sem queimar
o fundo do tacho um caldo alaranjado mais denso
mas sem usar aquele abuso de extrato de tomate
e colorau como eu usei uma vez morando fora eu
tentei imitar mas só tinha gosto de tomate aquele
sabor azedo industrializado frango cheio de nervo
o da Neide não: o da Neide dava para sentir todos
os ingredientes punha-se no prato e não ensopava
o arroz nem engordurava o angu o frango era mole
e se soltava do osso e eu olhava a minha bancada
eram só latas plásticos e bandejas sujas de isopor
e a da Neide no máximo umas cabeças de quiabo
mas eu nunca plantei quiabos nunca criei galinhas
eu choro o choro das cebolas podres e esquecidas
que rolam sumarentas pelos fundos dum mercado

carnificina

presa e algoz: sob o desejo ser presa e ser algoz: em
escolher os terrenos a dedo e em saber esperar a vez
dizem que as batalhas se fazem entre dois homens e
me pergunto se já viram uma mulher lutando contra si
mesma nunca viram uma mulher entre prazer e tática
não matando bem matado deixando seu corpo sofrer
aos bocadinhos às serrinhas duma faca de manteiga
sabendo se rasgar: que não assassine nem incrimine
de vez: saber atacar as pernas com arpões nas mãos
saber se ferir até perder as digitais até ouvir zumbido
às vezes voltar com sangue noutras querer revanche
às vezes: digo por mim: só quero as brigas pequenas
eu e meus dedos disputando para ver quem grita mais
alto: para ver quem vai empurrar quem abismo abaixo

exame

gosto de ver essa simetria dos casais que se beijam
à minha frente vê-los com ritmo vê-los se mordendo
em delírio uníssono em queda na perda dos sensos
nunca soube beijar muito bem: ver beijo era cinema
era o pictórico inatingível era a vida imitando a arte
se fosse reparar bem eu raramente já quis dar beijos
os meninos da escola me ouviam e diziam precisos
"é porque alguém tem que te ensinar a beijar melhor"
e eu beijei as bocas que se dispuseram a me ensinar
mas nunca desaprendi a beijar do mesmo jeito e até
tentava inovar mas acabava ou ferindo ou molhando
demais a largar aquela baba uma agonia ao redor da
boca do outro mas eu limpo meus próprios estragos
e assumo todas as fendas que já abri com os dentes
então fico com isso: beijo ruim sem prumo sem aula
continuo abrindo fendas e faço jorrar água das mãos

Amanda Vital (Ipatinga/MG, 1995) é editora-adjunta da revista Mallarmargens. Bacharel em Estudos Literários pela UFMG, atualmente cursa Mestrado em Edição de Texto pela Universidade Nova de Lisboa. Autora dos livros Lux (Penalux, 2015) e Passagem (Patuá, 2018). Tem poemas e traduções publicados em revistas, blogs e jornais – virtuais e impressos – como Germina, Mallarmargens, Ruído Manifesto, Correio das Artes, Acrobata, Equimoses, Zona da Palavra, Relevo e Caliban. Também participou de antologias como 29 de abril: o verso da violência (Patuá, 2015) e Ventre Urbano (Penalux, 2016). Foi curadora da 4ª edição da antologia Carnavalhame (2020). Tem poemas traduzidos para inglês e catalão.

Fotografias: Stefan Stefancik, Nicolas Ladino Silva, Vincentiu Solomon,
Hailey Kean, Alex Jones e Lara Barbosa de Oliveira
Conceito Visual e Diagramação: Taciana Oliveira